

O CONCEITO FREUDIANO DE REPRESENTAÇÃO NO TEXTO “ZUR AUFFASSUNG DER APHASIEN” (1891)*

POR SAULO DE FREITAS ARAUJO**

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é explicitar e discutir a concepção de representação apresentada por Freud no texto “Zur Auffassung der Aphasien” (1891). Nossa suposição é a de que se encontram aí, pela primeira vez formulados, os rudimentos de sua metapsicologia e que, portanto, trata-se de um texto genuinamente metapsicológico. Além disso, segundo nosso ponto de vista, sua teoria da representação traz alguns elementos interessantes para a discussão de problemas filosóficos tradicionais da psicologia, como o da natureza da mente. Nesse sentido, procuraremos mostrar também em que sentido estariam implícitas nesse texto inicial de Freud algumas noções básicas de filosofia da mente.

Antes de dar início à análise propriamente dita, porém, gostaríamos de tecer algumas considerações de caráter teórico, no sentido de fundamentar nossa orientação metodológica, tornando explícita a maneira pela qual a concepção freudiana da representação será avaliada e discutida. Em primeiro lugar, se recusamos uma abordagem descritivista do comportamento¹ - onde se torna desnecessária qualquer alusão a termos mentalistas - parece-nos então difícil descartar o conceito de representação na teorização em psicologia, ainda que este venha a ser definido de modos distintos, segundo as diversas teorias. Sendo assim, uma adequada avaliação de tal conceito teria que levar em conta o papel que ele exerce na teoria em questão, sob pena de uma má compreensão do seu sentido. Portanto, analisaremos a função que a representação desempenha no “aparelho de linguagem” (*Sprachapparat*), que pode ser considerado, num sentido mais amplo, como uma teoria do funcionamento psíquico.

Em segundo lugar, reconhecemos aqui a importância da distinção feita por Cummins (1989, cap. 1) de dois problemas enfrentados por qualquer caracterização da representação mental, a saber, o problema ontológico e o problema semântico. O primeiro diz respeito à natureza das representações (lingüística, imagética, etc.), enquanto o segundo se refere à maneira pela qual uma representação adquire o seu conteúdo particular. Assim, tomaremos essas duas questões como as linhas mestras de nossa investigação e procuraremos mostrar em que medida é possível, com base no texto, respondê-las.

Por fim, queremos deixar claro que não serão considerados aqui quaisquer aspectos epistemológicos relativos à teoria freudiana da representação e, por conseguinte, ao “aparelho de linguagem”, uma vez que isso escaparia ao objetivo do

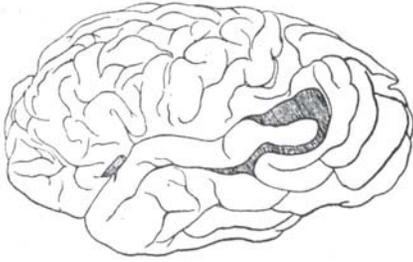
*Agradeço a Richard Theisen Simanke pelas discussões e pelo despertar de algumas idéias presentes neste trabalho, assim como pelos oportunos comentários e sugestões em relação à versão preliminar do texto.

¹ Referimo-nos aqui a algumas teorias behavioristas, onde todos os conceitos são definidos em termos comportamentais. Para uma excelente discussão da abordagem descritivista e de alguns aspectos de filosofia da psicologia a ela relacionados, ver ABIB (1997).

presente trabalho, tornando-o por demais longo. Portanto, serão evitadas referências à possível adequação da concepção freudiana das afasias e do funcionamento da linguagem em relação às evidências clínicas e experimentais.

2. A NATUREZA DA REPRESENTAÇÃO

La Afasia, Sigmund Freud



Uma vez que a teoria da representação esboçada aqui por Freud insere-se num contexto de uma discussão teórica mais ampla, a saber, sobre as afasias, é preciso então, em primeiro lugar, caracterizar brevemente esse contexto para melhor compreendermos os limites apresentados por aquela teoria.

Logo no início do texto, Freud deixa bem claras as duas suposições básicas contra as quais ele dirigirá as suas críticas. Em primeiro lugar, a diferenciação entre a afasia causada pela destruição dos centros e a afasia decorrente da destruição das vias de condução. Em segundo lugar, a relação mútua dos supostos centros isolados das funções lingüísticas (Freud, 1891, p.1). Como essas duas hipóteses constituem uma parte significativa da concepção localizacionista das funções cerebrais, que era predominante na época, podemos supor, então, que toda a discussão das afasias têm como pano de fundo uma recusa explícita do localizacionismo, que se manifesta em duas etapas ao longo do texto: nas críticas apresentadas por Freud às teorias tradicionais da afasia (Wernicke, Lichtheim, Grashey) e na sua crítica à concepção de Meynert sobre o funcionamento geral do cérebro.

É exatamente na discussão desse “momento tópico” da neurologia que vamos procurar entender a teoria da representação proposta por Freud. Ora, uma vez que as teses localizacionistas apresentam de forma explícita uma noção de representação e que esta vai desempenhar um papel central na produção da linguagem, é claro que Freud vai ter que formular uma concepção alternativa, para que possa superar o localizacionismo. Trata-se, portanto, de uma tentativa de propor um novo modelo para explicar não só o surgimento das afasias, mas também o funcionamento normal da linguagem e, ainda que de forma embrionária, de toda a atividade mental.

Voltemos, então, à teoria de Wernicke, para que possamos entender a noção de representação implícita no localizacionismo. Ao descobrir uma lesão cerebral correlata a um novo tipo de distúrbio lingüístico, que se colocava como a contraparte da descoberta anterior de Broca², Wernicke deduziu a existência de centros da linguagem anatomicamente localizados, que seriam responsáveis por funções específicas, como a compreensão e a produção da fala. A primeira observação feita por Freud é que a partir da explicação de um distúrbio lingüístico patológico através de uma lesão cerebral localizada, encontramos aqui a primeira referência à representação, sob a forma de um armazenamento dos sons das palavras no centro sensorio da linguagem (área de Wernicke), a partir de uma projecção contínua (ponto por ponto) que vai das vias aferentes ao córtex cerebral. Como isso se torna possível, explica o próprio Wernicke:

“O córtex cerebral, com seus 600 milhões de corpos corticais - segundo a estimativa de Meynert - oferece uma grande quantidade de sítios de armazenamento, nos quais as incontáveis impressões sensoriais advindas do mundo exterior podem ser armazenadas uma a uma, sem que haja perturbação. Com tais resíduos de excitações ocorridas, os quais nós queremos chamar de imagens mnêmicas, é que o córtex está povoado” (MEYNERT apud FREUD, 1891, p. 3).³

É importante notar, contudo, que apenas as representações simples estariam desse modo localizadas e que a formação de um conceito, por exemplo, que envolve várias representações, seria um resultado dos sistemas de associação, que ligam várias

² Broca, numa comunicação feita à Sociedade Anatômica de Paris em 1861, demonstrou pela primeira vez uma correlação entre distúrbios lingüísticos e lesão cerebral, dando um forte impulso ao programa localizacionista que veio a dominar a neurologia.

³ Traduzimos o termo “Vorrathsstätten” por “sítios de armazenamento”, para transmitir a idéia de que se trata de um lugar bem demarcado. Para a tradução de “Erinnerungsbilder”, optamos aqui pelo termo “imagens mnêmicas”, introduzido por Garcia-Roza no seu comentário sobre o texto das afasias (1991, p. 22), com base na edição francesa.

áreas corticais, não havendo, portanto, uma localização específica do conceito em questão. Como bem assinalou Gabbi Jr. (1991, p. 183), trata-se aqui de um associacionismo atomista⁴.

Podemos detectar também a forte influência da teoria de Meynert sobre as idéias de Wernicke, sobretudo a suposição implícita naquela teoria de que há uma perfeita identidade entre anatomia, fisiologia e conteúdo mental, na medida em que as imagens mnêmicas dos sons das palavras são armazenadas em células localizadas no centro sensorial e as imagens dos movimentos da fala no centro motor, sendo ambos os centros ligados por um conjunto de fibras sem qualquer função específica (tese da independência funcional dos centros). Assim, torna-se possível para Wernicke fundamentar a distinção entre afasia sensorial e afasia motora, ambas constatadas clinicamente, e postular a existência da afasia de condução, contra a qual Freud dirigirá seu primeiro conjunto de críticas.

Tentemos agora uma primeira formulação da noção de representação dentro dessa concepção localizacionista, com base nos elementos que nos estão disponíveis. Quanto ao problema de sua natureza, podemos dizer que todas as imagens presentes no córtex, advindas do mundo externo por meio dos sentidos, são representações (imagens dos sons das palavras, imagens dos movimentos), mas seria um salto não justificado afirmar que toda representação é de natureza imagética, uma vez que existem outras representações, além dessas “externas”, das quais nada nos é dito. No que diz respeito à função que as representações desempenham na teoria, isso só será discutido na segunda parte deste trabalho.

Para desmontar não só a concepção wernickiana das afasias, mas também a teoria meynertiana a ela subjacente, Freud começa por recorrer a várias constatações clínicas de distúrbios linguísticos, que não podem ser explicadas nem pelo modelo de Wernicke nem pelo de seu sucessor Lichtheim, que expandiu a classificação das afasias por ele feita anteriormente. Em outras palavras, Freud nos mostra, primeiro, que a afasia de condução, tal como proposta por Wernicke, não existe (FREUD, 1891, p. 17); segundo, que a afasia transcortical motora, presente no esquema de Lichtheim, não pode ser explicada dentro daquele esquema e exige, portanto, uma nova concepção (idem, p. 21); terceiro, que algumas lesões não causam a perda total de uma função específica, mas sim uma reorganização funcional de todo o *Sprachapparat*, que representa um déficit parcial (idem, pp. 30-32). Cabe aqui também ressaltar o brilhante domínio metodológico apresentado por Freud, ao analisar cuidadosamente a forma dedutiva e as potenciais implicações empíricas do esquema de Lichtheim, contrastando-as com a realidade, e ao demonstrar as falhas metodológicas cometidas pelo mesmo Lichtheim (idem, pp. 20-21)⁵.

Mas é a partir do capítulo V que Freud inicia o ataque direto a Meynert, preparando o terreno para introduzir sua teoria do funcionamento da linguagem. A primeira crítica que nos interessa diz respeito à idéia meynertiana de que a periferia do corpo é representada no córtex através de uma projeção aferente ponto por ponto. Segundo Freud, isso seria impossível, dado que o número de fibras que partem da periferia e chegam à medula é bem maior do que daquelas que saem da medula em direção ao córtex. Assim, enquanto as relações do corpo com a medula podem ocorrer na forma de uma projeção, as relações da medula com o córtex devem ser de um outro tipo e, por isso, merecem um outro nome, a saber, o de representação⁶. Nas palavras do próprio Freud:

“... a periferia do corpo não está contida parte por parte no córtex, mas sim representada numa separação menos detalhada, através de fibras selecionadas” (idem, p. 52).

“... nós podemos supor que a periferia do corpo não está mais contida topicamente nas partes mais altas do cérebro, assim como no córtex, mas simplesmente de acordo com a função” (idem, p. 55).

⁴ Vale ressaltar que há aqui uma presença marcante do associacionismo britânico, em especial da teoria das idéias de LOCKE (1632-1704), desenvolvida no seu *An essay concerning human understanding*, Livro II. No capítulo XII, que trata das idéias complexas, ele afirma que todas elas são feitas a partir da combinação de idéias simples (Locke, 1690/1939, p. 283). Seguindo essa mesma linha, observamos também uma nítida influência de David HARTLEY (1705-1757), que combinou as idéias associacionistas com a fisiologia, na tentativa de explicar o surgimento das idéias simples a partir dos rastros deixados no sistema nervoso pelas vibrações sensoriais. Toda essa tradição associacionista está presente também na psicologia do século XIX - notadamente em Wundt - constituindo-se como uma de suas mais fortes raízes filosóficas. Ver, p. ex., MISIAK (1964, cap. VI).

⁵ Alguns críticos de Freud, como EYSENCK (1993), acusam-no de cometer graves erros metodológicos em seus escritos. No entanto, mesmo que Eysenck tenha razão em alguns pontos, não podemos deixar de reconhecer que Freud possuía uma sólida formação metodológica, demonstrando-a em algumas partes de sua obra, como fez notar GRÜNBAUM (1985, pp. 127-128).

⁶ Essa idéia vai reaparecer no seu texto das paralisias orgânicas e históricas (FREUD, 1893), onde ele diferencia as paralisias de projeção, que ocorrem entre a periferia e a medula, das de representação, que ocorrem entre a medula e o córtex. Vale ressaltar também que o termo aqui utilizado por Freud para designar a representação é “Repräsentation”, e não “Vorstellung”, como aparece ao longo de toda sua obra. É provável que Freud não tivesse ainda amadurecido, neste texto, o conceito de representação como uma idéia.

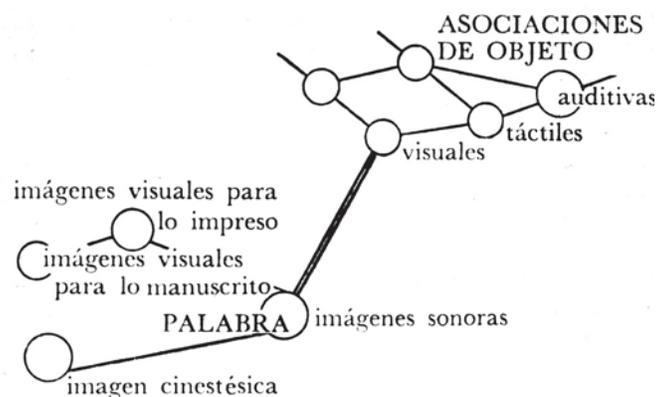
A partir de então, Freud começa a introduzir a sua concepção de representação. Segundo ele, a origem de toda essa doutrina localizacionista atomista reside numa confusão entre a fisiologia e a psicologia, isto é, supõe-se que, do mesmo modo que as representações nos parecem, do ponto de vista psicológico, elementos simples, seu correlato fisiológico também deve ser algo elementar, passível de ser localizado num determinado ponto. Portanto, o primeiro postulado de Freud é uma recusa da identidade entre o psíquico e o fisiológico, sob a forma de uma “dependência concomitante” (idem, p. 57), onde o segundo é sempre um correlato do primeiro, sem que haja uma relação de causalidade (idem, p. 56). Num primeiro momento, poderíamos afirmar que isso o torna um defensor de um paralelismo psicofísico, como acredita James Strachey, que traduziu um pequeno trecho desse texto das afasias (pp. 56-58) e incorporou-o ao artigo metapsicológico sobre o inconsciente, como Apêndice B, criando o título “paralelismo psicofísico” (FREUD, 1915, pp. 165-167).⁷ Porém, como veremos logo adiante, Freud parece se distanciar significativamente dessa posição⁸.

De qualquer forma, Freud insiste que a unidade psicológica da representação deva ser separada do seu correlato fisiológico, que tem, segundo ele, a natureza de um processo associativo complexo. O que nós experimentamos subjetivamente como um elemento simples é, do ponto de vista fisiológico, um processo que ocorre em várias partes do córtex, deixando modificações que são passíveis de ser rememoradas, bastando para isso que o mesmo estado do córtex seja excitado (idem, p. 58).

Na tentativa de caracterizar mais precisamente este processo, Freud nos remete ao caso da sensação, afirmando que não há como, no seu correlato fisiológico, diferenciar a parte relacionada propriamente à sensação, da parte relacionada à associação, isto é, que sensação e associação são dois nomes que damos para diferentes aspectos do mesmo processo, que é fisiológico. Dada essa identificação entre sensação e associação, presume-se então que toda representação é constituída por um processo associativo. Ora, é exatamente isso que vai permitir a Freud rejeitar tanto a separação entre representação e associação quanto a localização distinta de ambas. Se representar é associar, não faz mais sentido postular locais de representações (centros) e locais de associações (vias de condução). Logo, estão superadas as principais teses localizacionistas. Mas não estaria Freud se contradizendo neste ponto? Ora, se representação e associação são nomes que nós abstraímos de um mesmo processo, unitário e indivisível, que se estende por todo o córtex (ibidem), não estaríamos afirmando com isso uma identidade entre o mental e o físico? Se há essa identidade, então eles não podem ser paralelos; e se são paralelos, não pode haver identidade. É neste ponto que se nos torna difícil caracterizar a posição de Freud, em termos de uma filosofia da mente. Se, por um lado, ele demonstra toda uma inclinação para um paralelismo psicofísico, admitindo explicitamente a influência de Hughlings JACKSON (idem, p. 57), por outro, ele parece sinalizar em favor de um materialismo não reducionista, algo próximo de um fisicalismo de segunda ordem (*token physicalism*) ou

⁷ O paralelismo psicofísico é uma doutrina acerca do problema mente-corpo, que tem suas raízes em SPINOZA (1632-1677) e LEIBNIZ (1646-1716). Embora contenha variantes, caracteriza-se sobretudo pela afirmação de que o físico e o psíquico são processos paralelos, derivados de um mesmo princípio ou substância (Deus, harmonia pré-estabelecida, isomorfismo, etc.). Trata-se de uma doutrina bastante influente na psicologia (Wundt, Fechner, Köhler, Piaget), que consiste numa tentativa de superar tanto o dualismo de substâncias quanto o monismo materialista. Nesse contexto, faltaria um passo importante na caracterização de Freud: dizer qual é esse princípio ou substância. Encontramos uma excelente análise do problema mente-corpo em SEIFERT (1989). Em relação a questões mais gerais de filosofia da mente, ver GUTTENPLAN (1997).

⁸ O grande problema do trecho selecionado por Strachey no Apêndice B é que ele é interrompido num ponto fundamental, onde Freud começa a apresentar outras idéias que, segundo nosso ponto de vista, afastam-no do paralelismo psicofísico. GREENBERG (1997, p. 137) também percebeu a inadequação da imagem que Strachey pretendeu passar de Freud em relação a esse aspecto.



até mesmo de um emergentismo. Em vista dessa dificuldade e da falta de um maior suporte textual, achamos por bem nos abster de uma decisão em favor de qualquer uma dessas posições. Em todo o caso, vale ressaltar, essa aparente ambigüidade em nada compromete a refutação do localizacionismo, que era o alvo principal de Freud. Além disso, todas as possibilidades acima aventadas justificariam um dualismo metodológico, este sim, patente em toda a sua obra.

Parece-nos, agora, que temos algumas informações suficientes para elucidar o problema da natureza da representação em Freud. Podemos supor que pelo menos as representações do *Sprachapparat* sejam imagéticas, na medida em que cada uma delas é ou uma imagem simples ou um complexo formado pela associação de várias imagens. Nesse sentido, torna-se claro que, embora Freud abandone o localizacionismo, ele se mantém na tradição de pensar a representação como imagem, conservando o próprio conceito de “imagens mnêmicas” (*Erinnerungsbilder*). Em outras palavras, a representação ganha uma nova estrutura, sem sofrer alteração na sua natureza. Além disso, tendo descartado o associacionismo atomista em relação ao funcionamento cerebral, Freud não pode dispensá-lo para a dinâmica representacional, por ser justamente o mecanismo que vai garantir o funcionamento da linguagem, que constitui o segundo ponto de nossa investigação.

3. A FUNÇÃO DA REPRESENTAÇÃO

Dissemos na introdução que qualquer avaliação de uma determinada concepção de representação mental deve levar em conta a função que esta exerce na teoria em que está inserida, para que possamos ter uma melhor idéia do alcance daquele conceito, evitando, desta forma, um julgamento apressado e, talvez, distorcido. Portanto, nosso próximo passo será o de analisar o papel das representações no funcionamento do *Sprachapparat*, descrito sobretudo no capítulo VI.

Vamos, primeiro, revisar rapidamente como a representação assume um lugar importante na produção da linguagem, segundo a concepção localizacionista. Ora, a suposição de que cada representação está contida numa célula cortical, localizada num determinado centro, e que fora desses centros funcionalmente independentes não há atividade representacional, é o pilar de sustentação a partir do qual todo o funcionamento da linguagem é deduzido, especialmente as formas de afasia, como podemos ver no esquema de Lichtheim, por exemplo (idem, p. 8). Assim, vimos como a expressão da fala depende da integridade da área de Broca e a sua compreensão da integridade da área de Wernicke.

Para introduzir sua nova concepção do funcionamento da linguagem, Freud começa por uma redefinição radical da relação entre anatomia e processos lingüísticos, postulando uma nítida diferenciação entre a área ou território da linguagem (*Sprachgebiet*) e o aparelho de linguagem (*Sprachapparat*). O que Freud parece querer dizer aqui é que, no primeiro caso, trata-se do lugar anatômico onde as associações ocorrem (área cortical no hemisfério esquerdo, compreendida entre as terminações do nervo acústico e as do nervo óptico) e, no segundo, de um esquema psicológico onde não há qualquer referência a centros anatomicamente localizáveis, mas somente à descrição funcional do *Sprachapparat*. Os antigos núcleos da linguagem (área de Broca, área de Wernicke) possuem, por assim dizer, apenas um significado anatomopatológico - na medida em que constituem as fronteiras do *Sprachgebiet* - sem nenhuma relevância fisiológica (idem, p. 69). É compreensível, pois, como notou Gabbi Jr. (op. cit, p. 185), que Freud não esteja negando o fato das afasias em geral serem causadas por lesões anatomicamente localizadas, mas apenas a suposição de que as áreas assim lesadas são responsáveis por determinadas funções lingüísticas. Além disso, a maior parte das lesões produz apenas uma modificação funcional, não havendo uma perda completa da função, como veremos mais adiante. Com isso, chegamos a um ponto central de sua teoria da afasia:

“... nós conquistamos o direito de rejeitar a diferenciação entre as chamadas afasias “de centro” ou corticais e as afasias de condução, e de dizer que todas as afasias baseiam-se na interrupção de associações, de conduções. A afasia devida à destruição ou lesão de um “centro” é, para nós, nada mais nada menos do que uma afasia resultante da lesão daquelas vias de associação, que convergem em direção a entroncamentos indicados no centro” (FREUD, *op. cit.*, p. 69).

Passando à caracterização do funcionamento normal da linguagem, Freud volta a insistir na separação entre anatomia e psicologia. Do ponto de vista psicológico, segundo ele, a unidade lingüística é a palavra, que, no entanto, é uma representação complexa, composta de elementos acústicos, visuais e sinestésicos (*idem*, p. 75). Nesse sentido, podemos supor que os processos associativos ocorridos no córtex vão constituir três ordens de representações: as representações elementares (imagens mnêmicas), as representações complexas, formadas pela associação das primeiras, e aquilo que Freud chamou de “sobreassociações” (*Superassoziationen*), isto é, associação entre várias representações complexas.⁹ A representação assume, então, a sua função plena na produção da linguagem, sendo a unidade básica a partir da qual os processos lingüísticos vão se constituir (fala, leitura, escrita).

Um segundo ponto importante no que diz respeito à função das representações é a existência de uma hierarquia funcional no *Sprachapparat*, que se manifesta de duas formas. Em primeiro lugar, as imagens acústicas (*Klangbilder*) são os elementos centrais de toda atividade lingüística (*idem*, p. 92), na medida em que falar, ler e escrever depende sempre da associação delas com outros elementos. Segundo, naqueles casos em que a lesão produz apenas uma modificação funcional no aparelho de linguagem, sem perda total de uma função, essa modificação representa uma involução do aparelho, que retorna a estágios anteriores de funcionamento, menos complexos, adquiridos durante a sua evolução.¹⁰ Portanto, qualquer perda assim sofrida pelo *Sprachapparat* vai comprometer sempre uma cadeia associativa mais “recente” e menos consolidada, o que pode ser confirmado pelo fato de nós nunca sermos capazes de falar uma segunda língua, mas não a nossa língua materna. Essa constituição progressiva do aparelho de linguagem aponta também para uma redefinição da relação entre o normal e o patológico, uma vez que é perfeitamente possível ocorrer, na vida cotidiana, alguns distúrbios temporários da linguagem (casos de parafasia), onde não há qualquer lesão anatômica. Com isso, a demarcação entre normalidade e doença - entendida no sentido anátomo-patológico - passa a ser menos nítida.

Ainda em relação à função da representação, vale ressaltar que Freud introduz, para finalizar sua teoria sobre as afasias, uma outra classe de representações, que vão constituir a representação de objeto. Trata-se de um complexo de associações, formado pelos elementos visuais, acústicos, táteis e sinestésicos do objeto, que está em íntima relação com a representação de palavra, caracterizada anteriormente (*idem*, p. 80)¹¹. É justamente nesse ponto do texto que encontramos apoio para afirmar que Freud já tinha aqui uma noção, ainda que rudimentar, de um aparelho psíquico, que extrapola os limites do *Sprachapparat*. O fato deste aparelho funcionar apenas em área cortical do hemisfério esquerdo e dos elementos constituintes da representação de objeto estarem espalhados por ambos os hemisférios parece justificar nossa afirmação.

Voltando à relação entre a representação de palavra e a representação de objeto, encontramos aqui a única referência explícita, conquanto tímida, ao problema semântico da representação. Freud afirma que “a palavra obtém o seu significado através da ligação com a representação de objeto” (*idem*, p. 79). Essa ligação é feita exclusivamente pela imagem acústica, isto é, os outros elementos da representação de palavra não entram em associação com a representação de objeto (*ibidem*). No entanto, deparamo-nos aqui com um obstáculo ao percebermos que Freud nos fornece uma caracterização semântica unilateral, ou seja, nada nos é dito de como essa representação de objeto também adquire o seu sentido. A única pista de que dispomos

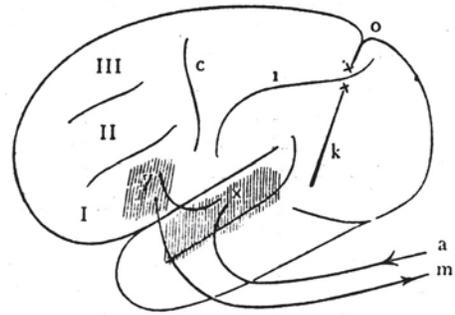
⁹ Podemos notar aqui que Freud parece aceitar aquela tradicional diferenciação entre idéias simples e complexas, o que demonstra a grande influência exercida pelo associacionismo na sua formação.

¹⁰ Freud reconhece sua dívida tanto em relação a Hughlings Jackson quanto a Bastian (FREUD, *op. cit.*, pp. 88-89). O primeiro, pelo conceito de retrogressão funcional; o segundo, pelos tipos de modificação funcional que o córtex pode sofrer em casos de lesões parcialmente destrutivas.

¹¹ Existe uma certa polêmica na tradução dos termos alemães “Wortvorstellung” e “Objectvorstellung”. Para ser fiel à gramática alemã, optamos pelos termos “representação de palavra” e “representação de objeto”. Acreditamos também não haver necessidade de introduzir uma nova terminologia para marcar uma diferença entre representação e coisa representada, como fez Garcia-Roza, uma vez que isso, segundo nosso ponto de vista, torna-se claro após uma leitura atenta do texto de Freud. Além disso, essa nova terminologia introduzida pelo autor está intimamente ligada a uma interpretação de toda a dimensão semântica das representações, com a qual nós não queremos, pelo menos por enquanto, comprometer-nos (GARCIA-ROZA, *op. cit.*, pp. 47-49).

para pensar uma possível resposta é a afirmação feita por ele de que “as imagens visuais são as componentes mais salientes e mais importantes de nossas representações de objeto” (op. cit, p. 82). Contudo, embora o caminho possa ser este, isso não nos encoraja a realizar qualquer análise mais profunda da questão semântica¹².

Chegamos, enfim, à etapa final da elaboração de Freud. Após introduzir o conceito de representação de objeto, ele vai formular uma nova classificação das afasias, com base em todas as suas observações anteriores. Passamos a ter, então, três tipos de afasia: verbal, assimbólica e agnósica (idem, p. 105). A afasia verbal consiste simplesmente numa perturbação das associações entre os elementos da representação de palavra, cujos sintomas vão depender da localização (interior ou periferia do *Sprachgebiet*) e da extensão da lesão (total ou parcial); a afasia assimbólica decorre de uma interrupção da associação entre a representação de palavra e a representação de objeto e suas características também vão depender da natureza da lesão¹³; já a afasia agnósica é um distúrbio puramente funcional, na medida em que a lesão não ocorre diretamente no *Sprachgebiet*, mas sim na região cortical das associações constitutivas da representação de objeto, que são fundamentais para a fala espontânea (idem, p. 81). Apesar do *Sprachapparat* permanecer intacto, o sujeito não pode se servir dele nessas situações. Trata-se, neste caso, de um efeito à distância provocado por uma agnosia (incapacidade de reconhecer objetos). Freud reenquadra, desta forma, todas as manifestações afásicas encontradas na clínica e na literatura da época, com base numa nova concepção sobre o funcionamento da linguagem. E mais do que isso, abre caminho para uma nova forma de pensar a dinâmica psíquica, que vai encontrar sua primeira sistematização no “Projeto de uma Psicologia” (*Entwurf einer Psychologie*), de 1895.



Wernicke, Textbook of the Diseases of the Brain

4. OBSERVAÇÕES CONCLUSIVAS

Tomando como base as linhas mestras de nosso trabalho, apresentadas na introdução, um primeiro ponto que acreditamos merecer destaque diz respeito aos limites dentro dos quais Freud desenvolve uma concepção de representação. Nesse sentido, é importante compreendermos que sua preocupação central ao longo de todo o texto é sempre as afasias. Ainda que em algumas partes ele tenha se voltado para alguns problemas de natureza mais geral, não há nunca uma tentativa de estendê-los para além do que é necessário no entendimento daquelas perturbações lingüísticas. Sendo assim, torna-se compreensível o limitado desenvolvimento de sua teoria da representação, principalmente no que concerne ao problema semântico. Se ele não se referiu em momento algum ao modo pelo qual a representação de objeto adquire seu significado é porque isso não tinha relação alguma com os distúrbios afásicos. Aliás, a própria introdução do conceito de representação de objeto só vem a ser feita para dar conta de um terceiro tipo de afasia, a saber, a afasia agnósica. Sendo assim, não podemos criticar Freud pela ausência de uma fundamentação mais sólida para sua teoria da representação. Sua concepção de um aparelho psíquico ainda está em caráter embrionário.

Dentro deste mesmo quadro, vamos considerar o incipiente posicionamento de Freud frente à questão central da filosofia da mente, a saber, o problema mente-cérebro. Se ele deixou indícios de um tal posicionamento, ele só o fez na medida em que isso contribuiu principalmente para fundamentar uma crítica à tese localizacionista de que cada representação estava contida dentro de uma célula. Mas jamais houve uma preocupação de sua parte em explicitar claramente o modo pelo qual os processos psíquicos interagem com os processos cerebrais, se é que eles não são idênticos. Como não temos subsídios textuais para nos decidirmos em favor desta ou daquela posição, contentamo-nos apenas em apontar o impasse com o qual nos defrontamos,

¹² Além do que já foi aqui apresentado, a única outra menção explícita de Freud à representação de objeto é que ela está aberta para incorporar, na mesma cadeia associativa, novas impressões além daquelas já recebidas pelos sentidos. Neste ponto, há uma breve referência a Stuart Mill (FREUD, op. cit, p. 80), que vem reforçar nossa observação anterior sobre a influência do associacionismo sobre Freud.

¹³ Gabbi Jr. faz uma interessante ligação desse texto das afasias com o texto das paralisias orgânicas e histéricas, referido na nota seis, onde ele mostra que Freud utiliza esse modelo das afasias para explicar o sintoma histérico, que vai ser entendido como uma forma de afasia assimbólica em que há uma substituição de uma representação de palavra por uma representação de objeto (paralisia de uma parte do corpo) (GABBI JR., op. cit, pp. 194-197).

apostando, porém que ele diluir-se-á nas obras posteriores de Freud, o que será fundamental, sobretudo para a consolidação da noção de representação. Mesmo estando cientes de que o problema mente-cérebro não ocupa um lugar de destaque dentre as preocupações teóricas de Freud, não podemos deixar de assinalar, contudo, que qualquer teoria psicológica ou metapsicologia carrega consigo, implícita ou explicitamente, uma filosofia da mente, que, no caso da psicanálise, terá um papel importante na sua sustentação teórica.

O reconhecimento desses limites impostos à nossa interpretação expressa uma atitude metodológica, que se traduz por uma fidelidade ao texto de Freud, a fim de melhor compreendê-lo. Se são essas ambigüidades e incertezas presentes nos seus escritos que podem nos levar a incorrer no erro de tirar conclusões apressadas, extrapolando e/ou distorcendo o conteúdo do texto - como no caso de Strachey em relação ao paralelismo psicofísico - nada mais prudente do que fazermos uma leitura mais cuidadosa de sua obra, antes de nos decidirmos por uma certa interpretação, como nos lembra MONZANI (1989, p. 18). Nesse sentido, acreditamos que um bom caminho a percorrer, na tentativa de solucionar problemas teóricos no interior do pensamento de Freud, seria acompanhar o desenvolvimento conceitual na ordem cronológica de seus escritos, ao contrário do que recomenda ALTHUSSER (1965, p. 237).

Ainda dentro dessa perspectiva metodológica, talvez valha a pena investigar, num próximo trabalho, a tentativa de sistematização de uma teoria do aparelho psíquico, feita por Freud no seu “Projeto de uma Psicologia” (*Entwurf einer Psychologie*), de 1895, com o intuito de analisar em que medida há um avanço ou, pelo menos, um maior esclarecimento das questões que ficaram sem resposta no texto das afasias. Será que Freud retoma as discussões sobre a natureza e a função da representação, aqui esboçadas? Será que ele explicita melhor sua posição em relação ao problema mente-cérebro? Ao tentar responder essas questões, estaremos certamente caminhando para uma melhor compreensão de alguns aspectos do pensamento de Freud, especialmente de sua metapsicologia.

Algumas palavras merecem também ser ditas acerca da suposta relevância de *Zur Auffassung der Aphasien*. Embora ele não seja incluído entre os escritos metapsicológicos e tenha recebido, até o momento, pouca atenção por parte de estudiosos do pensamento freudiano, parece-nos visível - dentro, é claro, dos limites acima referidos - que já se encontram aqui presentes os rudimentos de uma metapsicologia, assim como a questão da estruturação da vida mental em torno da linguagem, fato este que por si só já exigiria uma maior consideração em relação ao texto, independentemente de haver ou não uma maior continuidade das idéias aqui apresentadas com as obras posteriores de Freud. É oportuno notar que aqueles que desprezam *Zur Auffassung der Aphasien*, com base na alegação de que se trata de um texto “neurológico” ou “pré-psicanalítico”, parecem estar partindo do pressuposto de que há um abismo entre os períodos pré-psicanalítico e psicanalítico propriamente dito, e que durante todo o segundo período não houve alterações significativas na teoria freudiana. Ora, nenhuma das idéias nos parece sustentável. Primeiro, as mudanças conceituais operadas por Freud foram uma constante ao longo de toda sua obra, não se restringindo à passagem de um período a outro. Além disso, o abandono de uma linguagem “neurológica”, abandono este que serve de fundamento à divisão dos períodos acima referidos, não parece significar uma adesão ao dualismo de substâncias, que caracterizaria o advento da psicanálise e a ruptura com a fase anterior, na opinião de alguns psicanalistas, mas tão somente a aceitação de um dualismo metodológico, que de modo algum contradiz as passagens de *Zur Auffassung der Aphasien*. Em relação a esse aspecto, porém, acreditamos ser mais prudente investigar também o “Projeto de uma Psicologia” (1895), buscando um suporte ainda mais concreto para nossa hipótese.

Por fim, seguindo essa mesma linha de raciocínio, gostaríamos de discutir a centralidade do conceito de representação para a metapsicologia freudiana. Na

introdução do presente trabalho, aludíramos à importância de tal conceito na teorização psicológica, caso descartemos o descritivismo. O fato da noção de representação já ocupar um lugar central desde os momentos iniciais das formulações teóricas de Freud, como ilustra bem *Zur Auffassung der Aphasien*, demonstra, no nosso modo de ver, sua imprescindibilidade metapsicológica. E mesmo que Freud introduza posteriormente outros conceitos fundamentais para sua teoria (inconsciente, recalque e pulsão), não parece haver qualquer indício de uma desvalorização do papel das representações na estruturação da dinâmica psíquica. Sendo assim, podemos afirmar que a representação é o primeiro conceito metapsicológico formulado por Freud e que está na base de seu sistema teórico, juntamente com os outros acima referidos. Além disso, voltando à questão das interpretações do pensamento de Freud, sugerimos que uma leitura cuidadosa e atenta do desenvolvimento deste conceito ao longo de sua obra pode nos auxiliar a esclarecer certas obscuridades e a evitar alguns equívocos de interpretação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIB, J.A.D. (1997). *Teorias do comportamento e subjetividade na psicologia*. São Carlos: Edufscar.
- ALTHUSSER, L. (1965). "Freud e Lacan". In: COELHO, E.P. (org.). *Estruturalismo*. São Paulo: Martins Fontes.
- CUMMINS, R. (1989). *Meaning and mental representation*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- EYSENCK, H. (1993). *Decadência e queda do império freudiano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- FREUD, S. (1891). *Zur Auffassung der Aphasien*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke.
- _____. (1893). "Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques". In: *Gesammelte Werke*, Band I: pp. 39-55. London: Imago, 1952.
- _____. (1915). "Das Unbewusste". In: *Studienausgabe*, Band III: pp. 121-173. Frankfurt: S. Fischer, 1994.
- GABBI JR., O. (1991). "Sobre a concepção da afasia e da histeria: notas sobre a relação entre anatomia e linguagem nos primórdios da teoria freudiana". In: Prado Jr., B. (org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- GRUNBAUM, A. (1985). *The foundations of psychoanalysis: a philosophical critique*. Berkeley: University of California Press.
- GARCIA-ROZA, L.A. (1991). *Introdução à metapsicologia freudiana*, v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GREENBERG, V.D. (1997). *Freud and his aphasia book: language and the sources of psychoanalysis*. Ithaca: Cornell University Press.
- GUTTENPLAN, S. (ed.) (1997). *A companion to the philosophy of mind*. Oxford: Blackwell.
- LOCKE, J. (1690). "An essay concerning human understanding". In: Burt, E. (ed.). *The English philosophers from Bacon to Mill*. New York: Random House, 1939.
- MISIAK, H. (1964). *Raíces filosóficas de la psicología*. Buenos Aires: Ediciones Trosquel.
- MONZANI, L.R. (1989). *Freud - o movimento de um pensamento*. Campinas: Edunicamp.
- SEIFERT, J. (1989). *Das Leib-Seele-Problem und die gegenwärtige philosophische Diskussion: eine systematisch-kritische Analyse*. 2. Aufl. Darmstadt: Wiss. Buchges.

**Saulo de Freitas Araujo é Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.